**2º DOMINGO DO ADVENTO (ANO A)**

S. João Damasceno, presbítero e doutor da Igreja; Santa Bárbara, virgem e mártir

*Is* 11, 1-10; *Sal* 71; *Rom* 15, 4-9; *Mt* 3, 1-12

*Nos dias do Senhor nascerá a justiça e a paz para sempre*

**COMENTÁRIO**

*«Arrependei-vos, porque está perto o reino dos Céus»*

As palavras do título deste comentário acompanham-nos até ao “coração” do tempo do Advento, que começou há uma semana. São proclamadas no Evangelho de hoje, o Evangelho segundo Mateus, por João Baptista, que assim exortava todos à conversão a fim de preparar “o caminho do Senhor”. Também nós somos chamados a escutar atentamente a Palavra do Deus vivo que ainda hoje fala através da voz de João.

*1. «Uma voz clama no deserto»*

João é apresentado como o profeta que assume em si mesmo, nas suas palavras e acções, as características dos profetas da tradição de Israel. A sua voz no deserto recorda as palavras do profeta Isaías que proclamou em nome de Deus o início de um novo êxodo, uma nova saída do exílio da Babilónia, como indicado pelo próprio evangelista. Além disso, uma menção tão detalhada da roupa de João Baptista ecoa a maneira como o profeta Elias se vestia (cf. *2 Reis* 1, 8), e a comida com que ele se alimentava diariamente recorda um estilo de vida austero e penitente, distintivo dos profetas.

Apresentado como um profeta, João, contudo, tem algo de especial: a essência da sua pregação é descrita com a exortação à conversão pelo reino dos céus, ou seja, o reino de Deus (de acordo com a forma judaica de expressar-se, que por reverência ao nome divino evita mesmo o uso da palavra Deus). A mesma exortação estará na boca de Jesus no início das Suas actividades públicas: «Convertei-vos, pois o Reino de Deus está próximo» (*Mt* 4, 17). Deste modo, vislumbra-se, por um lado, a confirmação por parte de Jesus da validade da mensagem de João Baptista e, por outro, emerge claramente a figura de João Baptista como pregador do Evangelho, ou seja, da Boa Nova de Deus, proclamada por Jesus, o Messias e Filho de Deus, na plenitude dos tempos. Por outras palavras, João Baptista é a voz de Deus, na qual se ouve a mesma mensagem que Jesus, a Palavra (Verbo) de Deus encarnada, irá proclamar (tal como Santo Agostinho observou: João é a voz. Do Senhor, por outro lado, é dito: «No princípio era a Palavra» [*Jo* 1, 1]. João é a voz que passa, Cristo é a Palavra eterna que existia no início). João é, portanto, o profeta particular, o profeta messiânico que tem a grande honra de saudar a vinda do reino messiânico, inaugurado por Cristo.

A este respeito, volto a salientar que todo o profeta de Deus é, portanto, Seu enviado especial ao povo para falar sempre em nome de Deus e das coisas que Deus pede que ele diga! Ele é o missionário de Deus. Assim também aconteceu com João Baptista, solenemente apresentado como o profeta eleito na plenitude da história que então será louvado pelo próprio Jesus como “o maior dos nascidos de mulher”, “mais que um profeta”, “o mensageiro” de Deus (cf. *Lc* 7, 27-28; *Mt* 11, 9-11). E a menção particular do “deserto” como lugar de vocação e início das actividades do Baptista não serve apenas para marcar o cumprimento do anúncio profético de Isaías (cf. *Lc* 3, 4; *Is* 40, 3) ou para recordar a experiência do êxodo, mas também para nos fazer imaginar um quadro espiritual geral da época e intuir uma ligação entre a entrada em cena do Baptista e a renovação escatológica do povo. O profeta missionário de Deus quase sempre actua no deserto, mesmo quando o faz numa cidade superpovoada como Xangai, Nova Deli, Lagos ou São Paulo! O facto, porém, não o amedronta nem o desanima, porque sabe que não está ali por vontade própria, mas para cumprir uma missão que lhe é confiada pela Palavra de Deus!

*2. «Raça de víboras (…) Praticai acções que se conformem ao arrependimento que manifestais»*

A voz de João torna-se extremamente dura para com os fariseus e saduceus, membros dos dois grupos religiosos mais importantes da época que, contudo, vieram ao seu baptismo: «Raça de víboras.» Deve haver uma razão para um tal epíteto! Talvez visse a hipocrisia por detrás do seu aparente acto de receber o seu baptismo. O sinal exterior, visível, deve necessariamente corresponder à intenção e ao empenho do espírito numa mudança factual da vida, a fim de entrar e permanecer no reino dos céus. É por isso que João Baptista insiste: «Praticai acções que se conformem ao arrependimento que manifestais.» O que seria este fruto? Que acto seria “digno de conversão”? Deste contexto, pode-se vislumbrar que o fruto desejável seria uma abertura ao reino messiânico que se aproxima.

A nível espiritual, o apelo de João Baptista permanece válido para cada “baptizado” hoje, no tempo presente de espera da vinda do Senhor. O próprio Senhor Jesus avisou-nos em termos inequívocos contra toda a hipocrisia e preguiça espiritual: «Toda a árvore que não der bons frutos, será cortada e lançada no fogo» (*Mt* 7, 19), e ainda: «Nem todo o que me diz: ‘Senhor, Senhor!’ entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus» (*Mt* 7, 21). Todos os baptizados, então como agora, são chamados ao sério compromisso de conversão que leva à fé madura «que age por meio do amor», como sublinha o Apóstolo São Paulo em *Gal* 5,6, na mesma linha do que diz o Apóstolo São Tiago (*Tg* 2, 14-26). Tal fé genuína e madura leva naturalmente à partilha alegre da vida no reino dos céus com outros, ou seja, ao compromisso “missionário” na “pregação messiânica” do reino de Deus a todos e em todos os momentos, como fez João Baptista.

*3. Em vista «daquele que vem», o «rebento» de Jessé, que «baptizará no Espírito Santo e no fogo»*

Apesar da dureza da linguagem típica do estilo dos profetas que desejavam sacudir a consciência espiritualmente sonolenta de muitos, a pregação messiânica de João Baptista abre o horizonte para um futuro de esperança, apontando para a figura «daquele que vem», o messias de Deus que «batizar-vos-á no Espírito Santo e no fogo». Para além do fogo que é uma imagem do julgamento e da purificação divina, a referência ao baptismo no Espírito Santo, ou seja, à imersão no Espírito divino, com a vinda de Cristo, sublinha a realização do sonho dos profetas de Israel para o fim dos tempos, quando Deus derramará o Seu espírito sobre cada criatura, segundo o anúncio do profeta Joel (cf. *Jl* 3, 1-5), mais tarde realçado pelo Apóstolo São Pedro, na sua primeira pregação missionária no dia de Pentecostes (cf. *Act* 2, 17-18). Além disso, como o profeta Isaías indicou na primeira leitura, este Espírito de Deus repousará primeiro sobre o «rebento» de Jessé, a imagem do messias que está para vir, e depois espalhar-se-á sobre todos. Assim, como resultado, «o conhecimento do Senhor encherá o país, como as águas enchem o leito do mar.» Deste modo, a humanidade voltará à paz e harmonia com Deus, com a criação, e uns com os outros, como descrito com a cena do paraíso encontrado que ouvimos (*Is* 11, 6-9).

Por isso, todos os cristãos baptizados são recordados hoje da vida no Espírito que receberam como um dom de Cristo, a fim de viver em profundidade o tempo do Advento, no qual todos somos chamados à conversão, tendo em vista a vinda do Senhor. A propósito, gostaríamos de citar uma passagem importante do Papa Francisco na sua recente mensagem para o Dia Mundial das Missões de 2022: «cada discípulo missionário de Cristo é chamado a reconhecer a importância fundamental da acção do Espírito, a viver com Ele no dia-a-dia e a receber constantemente força e inspiração d’Ele. Mais, precisamente quando nos sentirmos cansados, desmotivados, perdidos, lembremo-nos de recorrer ao Espírito Santo na oração (esta – permiti-me destacá-lo mais uma vez – tem um papel fundamental na vida missionária), para nos deixarmos restaurar e fortalecer por Ele, fonte divina inesgotável de novas energias e da alegria de partilhar com os outros a vida de Cristo.»

Concluímos, portanto, a nossa reflexão com a oração (fornecida como Colecta alternativa para este domingo no Missal italiano):

Ó Pai, que fizeste brotar na terra o Salvador

e sobre Ele colocaste o Teu Espírito,

desperta em nós os mesmos sentimentos de Cristo,

para que possamos dar frutos de justiça e de paz.

Por Cristo, nosso Senhor. Amén.

*Citações úteis:*

**Bento XVI**, *Angelus,* Praça de São Pedro, II Domingo de Advento, **9 de Dezembro de 2007**

Enquanto prossegue o caminho do Advento, enquanto nos preparamos para celebrar o Natal de Cristo, ressoa nas nossas comunidades esta chamada de João Baptista à conversão. É um convite urgente a abrir o coração e a acolher o Filho de Deus que vem entre nós para manifestar o juízo divino. O Pai, escreve o evangelista João, não julga ninguém, mas confiou ao Filho o poder de julgar, porque é Filho do homem (cf. *Jo* 5, 22.27). E é hoje, no presente, que se decide o nosso destino futuro; é com o comportamento concreto que temos nesta vida que decidimos o nosso destino eterno. No findar dos nossos dias na terra, no momento da morte, seremos avaliados com base na nossa semelhança ou não com o Menino que está para nascer na pobre gruta de Belém, porque é Ele o critério de medida que Deus deu à humanidade. O Pai celeste, que no nascimento do Seu Filho Unigénito nos manifestou o Seu amor misericordioso, chama-nos a seguir os Seus passos fazendo, como Ele, das nossas existências um dom de amor. E os frutos do amor são “dignos de arrependimento” aos quais faz referência São João Baptista, enquanto com palavras pungentes se dirige aos fariseus e aos saduceus que acorreram, entre a multidão, ao seu baptismo.

Mediante o Evangelho, João Baptista continua a falar através dos séculos, a cada geração. As suas palavras claras e duras ressoam saudáveis como nunca para nós, homens e mulheres do nosso tempo, no qual também o modo de viver e compreender o Natal ressente infelizmente, com muita frequência, de uma mentalidade materialista. A “voz” do grande profeta pede que preparemos o caminho ao Senhor que vem, nos desertos de hoje, desertos exteriores e interiores, sequiosos da água viva que é Cristo. Guie-nos a Virgem Maria a uma verdadeira conversão do coração, para que possamos fazer as opções necessárias para sintonizar as nossas mentalidades com o Evangelho.

Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos*,* ***Directório Homilético***

**88**. Orígenes, um grande teólogo do século III, notou um esquema que expressa um grande mistério: independentemente do tempo da Sua vinda, Jesus foi precedido nessa vinda por João Baptista (cf. *Homilias sobre Lucas*, IV, 6). Aconteceu, de facto, que desde o ventre de sua mãe, João exultou para anunciar a presença do Senhor. No deserto, junto ao Jordão, a pregação de João predisse aquele que viria depois dele. Quando O baptizou no Jordão, os céus abriram-se, o Espírito Santo desceu sobre Jesus em forma visível, e uma voz do céu proclamou-O “o Filho amado do Pai”. A morte de João foi lida por Jesus como o sinal para dirigir-se resolutamente para Jerusalém, onde Ele sabia que a morte O esperava. João é o último e o maior de todos os profetas; depois dele, Aquele que foi anunciado por todos os profetas vem e age para a nossa salvação.

**92**. Nestes domingos, são lidas várias profecias messiânicas clássicas de Isaías. «Naquele dia, sairá um ramo do tronco de Jessé, e um rebento brotará das suas raízes (*Is* 11, 1, 2º Domingo A). O anúncio cumpre-se no nascimento de Jesus.

**93**. […] O baptismo de Jesus no Espírito Santo é a ligação directa entre os textos recordados até agora e o centro para o qual este *Directório* chama a atenção, nomeadamente o Mistério Pascal, realizado no Pentecostes com a descida do Espírito Santo sobre aqueles que acreditam em Cristo. O Mistério Pascal é preparado pela vinda do Filho unigénito gerado na carne, e as suas infinitas riquezas serão ainda mais reveladas no último dia. Da criança nascida num estábulo e daquele que virá sobre as nuvens, Isaías diz: «Sobre Ele repousará o Espírito do Senhor» (*Is* 11, 2, 2º Domingo A) […]

**Catecismo da Igreja Católica**

**1427.** Jesus chama à conversão. Tal apelo é parte essencial do anúncio do Reino: «O tempo chegou ao seu termo, o Reino de Deus está próximo: convertei-vos e acreditai na boa-nova» *(Mc* 1, 15). Na pregação da Igreja, este apelo dirige-se, em primeiro lugar, àqueles que ainda não conhecem Cristo e o Seu Evangelho. Por isso, o Baptismo é o momento principal da primeira e fundamental conversão. É pela fé na boa-nova e pelo Baptismo que se renuncia ao mal e se adquire a salvação, isto é, a remissão de todos os pecados e o dom da vida nova.

**1428.** Ora, o apelo de Cristo à conversão continua a fazer-se ouvir na vida dos cristãos. Esta *segunda conversão* é uma tarefa ininterrupta para toda a Igreja, que «contém pecadores no seu seio» e que é, «ao mesmo tempo, santa e necessitada de purificação, prosseguindo constantemente no seu esforço de penitência e de renovação». Este esforço de conversão não é somente obra humana. É o movimento do «coração contrito» atraído e movido pela graça para responder ao amor misericordioso de Deus, que nos amou primeiro.

**715.** Os textos proféticos, respeitantes directamente ao envio do Espírito Santo, são oráculos em que Deus fala ao coração do Seu povo na linguagem da promessa, com os acentos do «amor e da fidelidade», cujo cumprimento São Pedro proclamará na manhã do Pentecostes». Segundo estas promessas, nos «últimos tempos» o Espírito do Senhor há-de renovar o coração dos homens, gravando neles uma lei nova; reunirá e reconciliará os povos dispersos e divididos; transformará a primeira criação e Deus habitará nela com os homens, na paz.

**716.** O povo dos «pobres», dos humildes e dos mansos, totalmente entregues aos desígnios misteriosos do seu Deus, o povo dos que esperam a justiça, não dos homens, mas do Messias, tal é, afinal, a grande obra da missão oculta do Espírito Santo, durante o tempo das promessas, para preparar a vinda de Cristo. É a qualidade do seu coração, purificado e iluminado pelo Espírito, que se exprime nos salmos. Nestes pobres, o Espírito prepara para o Senhor «um povo bem-disposto».

**720.** Finalmente, com João Baptista, o Espírito Santo inaugura, em prefiguração, aquilo que vai realizar com e em Cristo: restituir ao homem «a semelhança» divina. O baptismo de João era para o arrependimento: o Baptismo na água e no Espírito será um novo nascimento.